

"Abajur cor de carne"

Abri os olhos. Abri os olhos, e não pelo cacarejo das galinhas. Não temos galinhas. O primeiro raio de sol brilha pouco antes das seis da manhã, queima meu rosto logo cedo, e anuncia mais um dia semiárido no interior do Piauí. Desperto pelo mesmo feixe de luz cretino, que invade a janela quebrada do meu quarto dia após dia. Não temos galinhas e tão pouco cortina.

Entre trincas e rachaduras, no chão de vermelhão, piso firme. Três passos e cheguei ao armário. De madeira velha e sempre entreaberto, explode em falta de cores o tom monocromático dos cinco vestidos que tenho. Meio terra, meio areia. Tudo aqui tem cor de seca. Escolhi o cor de terra. Vesti as sandálias de couro e caminhei abraçada pelo cheiro confortante de café.

Na cozinha, enquanto adoço o café e amarro os cabelos, vejo meus irmãos acordarem um a um. São sete no total. O som da pouca água que pinga fraca, vem do tanque lá de fora. Minha mãe tem arte de capturar migalhas de água para lavar nossas roupas. Ligo o rádio. Muito chiado. Talvez seja pilha, ou a antena que algum dos meus irmãos possa ter esbarrado. Tiro e boto a pilha. Mudo a antena de lugar. Nunca entendi antenas. Melhora um pouco.

- E pelo sagrado coração de Jesus, cuidado com o meu rádio!

Todo dia repito a mesma frase. Duas ou três canções depois, hoje não tocou minha favorita. Lembrei da vida. Hoje é dia de colheita.

Temos um pequeno pedaço de terra conseguido legalmente a duras penas pelo meu avô. Com uma grande cesta, caminho entre pés de milho e mandioca. Salvo os que consigo. A seca devasta em doses progressivas o que se chamava de terras produtivas. Vejo a única fonte de sustento minha e da minha família, morrer terra abaixo. Colho os poucos e bons sobreviventes. Meus irmãos correm de um lado para o outro e trabalham como se fosse brincadeira. Me vejo neles. Lembro de quando tinha meus cinco ou seis anos. Era tudo brincadeira. A terra, a enxada, a colheita e meu pai. *Painho*. Se saudade tem rosto, a minha tem pele morena, olhos cansados, barba grisalha, sorriso largo e uma cicatriz no queixo. Passávamos horas brincando de cabra cega. A noite, me colocava no colo e dormíamos entre o vai e vem da rede.

- Marta! - gritou minha mãe de dentro de casa - já está na hora!

Me perdi no tempo lembrando de *painho*. Amarro a cesta na bicicleta, e pego a estrada de chão batido, rumo à Dom Heitor do Piauí. Enquanto pedalo, ainda marejada pelas lembranças de meu pai, revivo esse mesmo caminho que fazíamos juntos. Ele pra vender a safra, e eu a caminho da escola. Na época, íamos de charrete, e tínhamos dois cavalos: Pedro Bento e Zé da Estrada. Uma homenagem à dupla sertaneja preferida da minha mãe. Com a doença do meu pai e a falta de dinheiro, fomos obrigados a vender os cavalos. Depois de sua morte, Seu Chiquinho, um antigo fazendeiro da região e grande amigo do meu pai, nos deu a Zezé. Zezé, a bicicleta. Assim, eu e minha mãe, conseguiríamos continuar levando nossa colheita até a cidade. Deus abençoe Seu Chiquinho!

São meia hora pedalando pela estrada de terra e mais uma hora pelo canto da rodovia, e toma poeira nos olhos e sol na cabeça! Esqueci o chapéu e o calor de rachar quase derrete meus miolos. Entre buzinas, beijos pela janela e gracejos nada cordiais, caminhoneiros e seus caminhões passam perto por demais de mim. Às vezes sinto medo. Mas não posso parar. O suor escorre pelos cantos do meu rosto. E no caminho nem sinal de água. São quilômetros de pouca vegetação e muita terra. Muita terra. Reparando bem, é possível perceber ao longo da estrada, o que era e o que se tornou isso aqui. São carcaças e ossadas de bichos e mais bichos. O retrato clichê de terra que não tem água. Que não tem bicho. Que não tem vida.

A Igreja de Santa Marta, anuncia que estou chegando. Como sempre faço, paro a Zezé na porta e encosto ela com cuidado na parede, embaixo da janela direita. Entro na igreja.

- Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém.

Sento no último banco da igreja. É onde gosto de estar: olhando o todo. Como se tivesse admirando uma fotografia. Ajoelho, e do meu bolso tiro um rosário de Santa Marta, todo feito de madeira. Presente que *mainha* me deu no dia que fiz quinze anos. Rezo um pouco. Agradeço pela vida, por ter chegado em segurança e aproveito a oportunidade, minha Santa, para pedir chuva.

- Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém.

Pego a Zezé e sigo viagem. Agora estou perto. Um "bom dia" aqui e outro acolá, cumprimento velhos conhecidos do meu pai. Alguns perguntam como vai minha mãe, e ainda em movimento respondo que estão todos bem.

Chego à mercearia de Seu Raimundo, antigo e fiel comprador de nossas colheitas. Assim como no rosto do dono, é possível ver nas paredes do pequeno mercadinho, as marcas do tempo. O telefone de contato rabiscado em tinta vermelha, estampa a parede da entrada: 24-6694. A pouca quantidade de dígitos denuncia a idade pré-histórica do tal estabelecimento. Às vezes, tenho a sensação de que Seu Raimundo parou no tempo. Às vezes não. Sempre.

Antes de entrar, refresco-me em uma bica. O sol, já perto de meio-dia, parece maior e mais perto da minha cabeça. A sensação de quase desmaio, é comum por aqui. Um pouco de água nas mãos, na nuca e na cabeça. Sinto-me melhor. Pego minha cesta e entro.

No balcão, Seu Raimundo parece surdo à tudo que está à sua volta. Notas e notas de dois, cinco e dez reais. Anotações com nomes de todas as pessoas, senhoras e rapazinhos, que moram no raio de cinqüenta quilômetros dali. Hoje é dia de acertar as contas e pagar o fiado. Baiano de Juazeiro, Seu Raimundo, escolheu o fim do mundo para fazer dinheiro. Um senhor de pouco mais de sessenta anos, cabelos penteados para trás, bigode grosso e uma mania irritante de comer as tampas de todas as canetas. Baixinho, passa o dia em pé, se equilibrando em cima de um caixote de madeira. Dizem que é para impor respeito por trás do balcão. Eu só penso mesmo, é que um dia isso não vai dar certo. E Deus não permita que eu não esteja por aqui. Não saberia disfarçar minha gargalhada ao ver Seu Raimundo descendo do salto.

- Vai ficar parada o dia inteiro aí me olhando, minha filha? - resmungou Seu Raimundo.

Achei melhor não responder. Sorri, me aproximei e coloquei a cesta em cima do balcão. O velho comerciante baiano, experiente, rabugento e prepotente, pôs-se a olhar minuciosamente para tudo que estava dentro cesta. Pegava as mandiocas, uma a uma, examinando-as como se procurasse algum

motivo para me mandar levar tudo de volta. Separou a maioria para um lado, e umas duas ou três para o outro. Pegou a caneta, fez algumas anotações ilegíveis e com a tampa entre os dentes me perguntou:

- E sua mãe, vai bem?

- Bem, graças a Deus.

Mal esperou eu terminar de falar, olhou fixamente para a cesta e novamente deu início a autópsia. Dessa vez, nas espigas de milho. Não satisfeito, ainda as cheirava. Ora como se estivesse deliciando o melhor dos odores, ora o pior. Por fim, repetiu o procedimento das mandiocas. Muitas pra lá e poucas pra cá. Pegou o bolinho das poucas em uma mãozada só, colocou de novo dentro da cesta e a empurrou levemente para perto de mim. Aquelas não estavam de seu agrado. Enquanto ele fazia as contas eu só pensava no horror da tampa de caneta mordida. Esboçou um som e me entregou uma nota de vinte reais.

- Só isso? - exclamei num grito agoniado.

Seu Raimundo encaixou a caneta com tampa mordida e babada em cima da orelha direita, e deu início à uma palestra sobre oferta, demanda, política e crise. Pouco entendi. E portanto, não tinha como discutir. Agradei, peguei minha cesta e fui embora. Estava com pressa.

Empurrando a Zezé, andei por uma rua e cheguei até a praça da cidade. Gosto dessa praça. Nas ruas do entorno, algumas casas residenciais, um pouco de comércio como farmácia e uma lojinha de roupas femininas, além de uma agência da Caixa Econômica Federal. Lembro-me de quando essa agência foi inaugurada. Fogos, balões e até show de música. Ao vivo! A praça tem algumas árvores plantadas e poucos bancos na sombra, mas quase sempre dou a sorte de algum deles estar vazio. Olhei com atenção para a praça, e lá estava ele. Meu banco preferido. Vazio e na sombra. Em frente à uma bonita casa residencial. Reparei o movimento da casa, e lembrei-me que na última vez que estive em Dom Heitor do Piauí, um amigo comentara sobre a chegada de uma nova família. Aliás, era justamente esse o motivo da minha pressa. Os motivos, na verdade: a espera por esse amigo e a mudança da

família. Enquanto roia as unhas de tanta ansiedade, observava atentamente o movimento no interior da casa.

- Marta, irmã de Maria e Lázaro - era assim que o Tião me chamava.

Sebastião, ou Tião para os amigos, é meu fiel escudeiro. Contam os mais velhos que Tião teve uma história de vida muito triste. Seus pais foram assassinados por um grileiro da região, quando ele ainda era uma criança. E desde então, viva pelas ruas de Dom Heitor do Piauí fazendo pequenos bicos. Eu e Tião temos a mesma idade. Completamos dezoito anos no ano que passou, e crescemos juntos entre uma folga e outra do trabalho. A praça se tornou nosso pedaço de quintal. Aqui brincávamos e conseguíamos passar algumas horas sem lembrar de nossas realidades.

Pedi então, para que meu amigo contasse sobre a mudança da tal família. Estava bastante curiosa. Tião me contou que a família era composta por um casal, uma senhora e um senhor de aproximadamente quarenta anos e duas filhas, com idades entre oito e doze anos. Tião contou ainda que a família viera de Parnaíba, uma cidade do outro lado do Piauí, lá pras bandas do mar. Perguntei a ele o porquê da mudança da família. Pois pensando friamente, pelo menos na minha cachola, o sujeito sair de perto de tanta água, pra se meter na seca, não tem o menor sentido. Tião também não entendia muito bem, mas disse que a família era metida com compra e venda de terras. E por isso passariam uma temporada aqui na cidade. Enquanto fazia pergunta atrás de pergunta pra Tião, não tirava os olhos da casa 32. Conseguia ver pela janela da sala, uma mulher mais velha, bonita e elegante, que desempacotava dezenas de caixas de mudança.

- Não é aquela história de abajur de novo, né? - me perguntou Tião certo como uma flecha.

Respondi que sim e ele já sabia. Há anos me ouvia falar da vontade em ter um abajur. Vontade não. Obsessão, como ele mesmo diz. É que música, quando mexe com a gente não tem sentido, nem explicação. "Um abajur cor de carne". Como eu amo essa música.

- Será que ela, essa moça, me vende seu abajur? - perguntei esperançosa.

Tião morria de vergonha de mim. Acontece que em Dom Heitor do Piauí, um município com pouco mais de três mil habitantes, não havia, nem nunca houve, uma loja que vendesse artigos como esse. Para comprar objetos de decoração ou eletro-eletrônicos, há de se dirigir à algum dos municípios próximos e com mais estrutura. Nunca tive condições. Passei então a encarar uma caça ao tesouro. Entre novos moradores e viajantes que cruzam essa praça, sempre tento que alguém me venda um abajur. Poucos tem. E os que tem, não querem vender. Até para a trupe do circo eu pedi. Disseram que fariam uma turnê, e que na próxima vez que estivessem na cidade, trariam para mim. Mas nunca voltaram.

Levantei num impulso decidido. Tião tentou entender, eu tentei explicar. Mas como nas outras vezes, não consegui.

- Coisa música, Tião!

Ele então, tentou me impedir. Também em vão. Atravessei a rua imbuída à resolver a questão. Me aproximei da casa, e de longe sentia cheiro de comida. Não havia almoçado, e com sorte jantaria alguma coisa ao chegar em casa. Bati palmas três vezes. A moça me olhou disfarçadamente pela cortina da sala e não deu bola. Eu insisti. Bati palma mais três vezes acompanhando de um sonoro "boa tarde". A moça, sem jeito e desconfiada, abriu a porta. De longe me perguntou se eu desejava algo, e direta fui logo ao ponto:

- A senhora teria um abajur?

A moça estranhou. Pensou não entender a pergunta e eu a refiz três vezes. Até que em um gaguejo quase envergonhado, ela respondeu que sim. E antes que eu perguntasse, ela já foi logo dizendo:

- Tenho três, porque?

Três. A moça disse que tinha não apenas um abajur. Mas três. Fiquei nervosa. Senti minhas pernas tremendo e minhas mãos suando frio. Respirei fundo, enchi o peito de coragem e perguntei se ela poderia me vender um

deles. De início ela relutou. Disse que fazia parte da decoração da casa, e que os objetos tinham valor sentimental. Mas logo demonstrou interesse em saber o porquê da minha proposta. Conteí sem muitos detalhes. Apenas disse ser uma vontade antiga, comentei sobre a falta de loja que vendesse tal objeto na cidade, e o porquê de não ter conseguido ainda, ir à outra cidade. Nem comentei da música. Talvez me achasse doida. Ela ouviu atentamente. Sorria de canto de boca, e parecia familiarizada com as sensações e impossibilidades que justificavam tal pedido inusitado. Entrou em casa e logo voltou com um abajur nas mãos. Me deu um abraço apertado, disse que era um presente e me desejou felicidades.

Do outro lado da rua, Tião via tudo com olhos atentos, como se visse o último capítulo de uma longa novela. Com a mão direita, segurava o objeto junto ao peito, e com a mão esquerda acenei. A ansiedade era tamanha que nem deu tempo de atravessar a rua e dar um abraço em Tião. Peguei a Zezé e pedalei apressada pras bandas de casa.

Por todo o caminho pedalei atenta. Tinha medo escorregar, de deixar cair o abajur ou de me esborrachar no chão. Não ouvia o som dos caminhões. Não haviam buzinas, nem nada. O sol já dava sinais de despedida, e o calor estava bem mais ameno. O vento batia no meu rosto, bagunçava os cabelos que haviam se desprendido do elástico. Minha boca estava seca, e enquanto eu pedalava cada vez mais forte, cantava ainda com mais vontade "um abajur cor de carne, um lençol azul...".

Anoiteceu. Minhas pernas tremiam mais do que nunca. Não só pela ansiedade, mas pela velocidade e força com que pedalei. Nunca havia feito o caminho da cidade até minha casa tão rápido. Deixei a Zezé num canto e entrei como um raio. Antes de entrar no meu quarto, deixei a cesta na cozinha. Expliquei ao longe para minha mãe que poderíamos jantar milho e mandioca. Deixei os vinte reais embaixo de uma moringa de barro e fui para o meu quarto. Sentei na beira da cama, e com o braço afastei tudo o que tinha em uma mesinha de cabeceira velha. Agora sim. Coloquei o abajur em cima da mesinha, e depois de olhar fixamente durante alguns segundos, percebi o fio. Percebi o fio, a cúpula, a lâmpada. Olhei a minha volta e o enxergava era

escuridão. Nas paredes, não haviam tomadas. A luz que iluminava meu rosto, a mesa de cabeceira e parte da cama, vinha de um lampião velho no parapeito da janela. Com tristeza, me dei conta de que não tínhamos luz elétrica. Que o abajur estaria para sempre cinza e escuro.

Levantei-me, fui até a janela e apaguei o lampião. No semi-breu, tirei o vestido cor de terra, e troquei pelo branco encardido que fazia de camisola. Já não sentia mais fome, nem calor, nem nada. Deitei, e com os olhos marejados, dormi.